

Conceitos importantes

Para subsidiar a compreensão dos leitores, elaborei um pequeno glossário, adaptado de outros livros meus, contendo uma síntese dos conceitos aqui emitidos, que não esgota a compreensão a respeito deles nem, tampouco, necessariamente obedece nem exclui o entendimento clássico a respeito. Trata-se da compreensão do autor e da forma como lida com as ideias subjacentes a eles, na tentativa de ampliar os conceitos da Psicologia Analítica, apondo uma visão pelo paradigma espírita. Certos conceitos, aqui emitidos, são adaptações que fiz das ideias dos autores citados na bibliografia. Em alguns casos, aproveitei parcialmente as ideias, cujo conceito resultante difere, às vezes, radicalmente, do que foi emitido pelos seus verdadeiros autores. Alguns foram extraídos textualmente dos autores; outros são do próprio autor deste livro, cuja compreensão tem como base a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço; do Espiritismo, trazido por Allan Kardec (1804-1869) e ampliado por Francisco Cândido Xavier (1910-2002); e das filosofias de Aristóteles (383-322 a. C.), Platão (427-339 a. C.), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Immanuel Kant (1724-1804).

Eis, portanto, os conceitos, em ordem alfabética, que considero relevantes para o propósito deste livro, preferindo iniciar com eles para que o leitor se familiarize com as ideias que, naturalmente, aparecerão ao longo de sua leitura.

*Ânima*¹

É o aspecto feminino interior do homem. Representa o somatório das suas experiências com mulheres (mãe, irmã, amiga, esposa, amante e outras), transformado numa imagem virtual. É a imagem feminina desejada, quase que “perseguida”, pelo homem, sendo um ideal subliminar que interfere nas suas relações com a mulher. Sua projeção inicial estabelece-se, primeiramente, na mãe e, depois, em outras mulheres. É a *imago* materna que acompanha e influencia o homem por toda sua vida. É, psiquicamente, sua contraparte sexual. Inconscientemente, o homem tende a comparar toda mulher que se lhe apresenta com sua *ânima*, sem, no entanto, nunca alcançá-la. A tentativa de plasmar sua *ânima* numa mulher, tende a se tornar uma operação arriscada e perigosa na vida de todo homem. Nos sonhos, geralmente ela aparece como figuras femininas sedutoras e arrebatadoras, ou mesmo, condutoras do sonhador. Quando o homem se deixa influenciar pelo arquétipo da *ânima*, geralmente ele se torna melindroso e irritadiço, caprichoso, ciumento e vazio. Diz Jung (1934) que: “ – É o arquétipo do significado ou do sentido, tal como a anima é o arquétipo da vida.”². Ele distinguiu quatro grandes estágios da *ânima*, personificados como Eva, Helena, Maria e Sofia, isto é, de mãe, de amante, de deusa e de sábia. É nesse último estágio que a *ânima* de um homem funciona como guia da vida interior, intervindo entre os conteúdos conscientes e inconscientes. Jung considerava importante o confronto com a *ânima* para o desenvolvimento do homem. Tal confronto levará à integração dos opostos, fase importante para o *Processo de Individuação*, preconizado por C. G. Jung. É comum o homem ser conduzido pelo seu ideal de mulher, tendendo a obedecer-lhe os ditames ou a tentar fazer, exatamente, o contrário do que ela lhe

¹ Optei por acentuar as palavras *ânima*, *ánimus* e *psiquê* em função da pronúncia que normalmente se utiliza. Conservei, no entanto, a grafia original nas transcrições.

² JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 66, p. 42.

sugere. No contato com as mulheres, nas várias experiências reencarnatórias, as emoções resultantes que foram sentidas alquimicamente se associam, formando imagens que são gravadas na mente humana, constituindo arquivos da Consciência e do Inconsciente. São arquivos disponíveis a todo momento ao Espírito, bem como acessados pelo *ego*. São os conteúdos desses arquivos que, quando comparados instantaneamente com a realidade, são parcialmente projetados no mundo externo. Pode-se admitir que a mulher também tenha uma *ânima*, automaticamente assumida, em face de seu gênero. Nesse sentido, a *ânima* será apenas a imagem ideal de mulher, presente no Inconsciente e na Consciência dela própria, resultante de suas experiências reencarnatórias como mulher e das diferentes relações que teve com mulheres.

A importância de se conhecer o conceito de *ânima* está em se identificar, em si mesmo, o poder de sua influência na personalidade de um homem. Ele costuma projetar sua *ânima* numa mulher que, de alguma maneira, se lhe assemelhe e apresente o que lhe falta, e, pela forma como se relaciona com ela, pode-se determinar, com relativa precisão, como de fato é a imagem de sua contraparte sexual. Por muitos anos, a vida de um homem é regida pela sua *ânima*, contra o que, inconscientemente, ele luta bravamente para se desvencilhar, muitas vezes, sem sucesso. Quando ele se dá conta, boa parte da vida se passou, restando-lhe admitir o quanto lhe foram úteis os poucos aspectos femininos que puderam ter sido integrados à sua personalidade.

Ânimus

É o aspecto masculino interior de toda mulher. Representa o somatório das experiências da mulher com homens (pai, irmão, esposo, amigo, amante etc.) transformado numa imagem virtual. É a imagem masculina desejada, quase “perseguida” pela mulher como sendo um ideal de homem que, subliminarmente, lhe influencia. Jung dizia que

Como a *anima* corresponde ao Eros materno, o *animus* corresponde ao Logos paterno.³ (...) O *animus* é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, e mais ainda, é um ser criativo e engendrador, não na forma da criação masculina.⁴

No dizer de Daryl Sharp,

Jung descreveu quatro estágios do desenvolvimento do *animus* numa mulher. Ele aparece primeiramente nos sonhos e nas fantasias como a personificação da força física, um atleta, homem musculoso ou bandido. No segundo estágio, o *animus* fornece-lhe iniciativa e capacidade para a ação planejada. Está por detrás de seus desejos de independência e de profissão própria. No estágio seguinte, o *animus* é a “palavra” que se personifica muitas vezes em sonhos na figura de um professor ou de um clérigo. No quarto estágio, o *animus* é a encarnação do sentido espiritual. Neste nível mais elevado, à maneira da *anima* como Sofia, o *animus* é um intermediário entre a mente consciente da mulher e seu inconsciente. Na mitologia, este aspecto do *animus* aparece como Hermes, mensageiro dos deuses; nos sonhos, é um guia espiritual prestativo.⁵

Tanto quanto da *ânima*, é desejável a integração parcial do *animus* a fim de auxiliar o indivíduo a lidar com a complexidade das relações com as outras pessoas e consigo mesmo. O *animus* de uma mulher a impulsiona ao mundo, facilitando a vivência do arquétipo do herói, do guerreiro, da determinação e do destemor, bem como lhe permite o domínio de *logos* na consciência. Pode-se afirmar ainda que todo homem possui um *animus* automaticamente integrado em face de seu gênero, resultante das experiências reencarnatórias como homem e das relações que teve com homens.

³ JUNG, C. G. *Aion-estudos sobre o simbolismo do si mesmo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982. par. 29, p. 12.

⁴ JUNG, C. G. *Estudos sobre psicologia analítica*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. par. 336, p. 199.

⁵ SHARP, Daryl. *Léxico junguiano*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 25.

A mulher, que reconhece a importância de seu *ânimus* e busca integrar suas qualidades, consegue estabelecer uma relação de igualdade com os homens. Os conflitos tendem a diminuir, e a costumeira competição, verificada na relação mítica de *Zeus e Hera*, perde boa parte do sentido. Ela atribui muito menos poder ao homem, sendo-lhe companheira e amiga.

É importante ressaltar que, para Jung, *ânima* e *ânimus* são expressões de um mesmo arquétipo, que desempenha importante papel na condução do indivíduo ao contato com seu Inconsciente.

Aparelho Psíquico ou Mente

Expressão utilizada para significar a *psiqué* ou a totalidade dos processos psíquicos conscientes e inconscientes com seus conteúdos e sua dinâmica. Nela situam-se todos os processos psicodinâmicos que afetam a vida e as relações humanas. A mente é uma espécie de “órgão” de que se serve o Espírito para se manifestar e se relacionar com a dimensão da realidade, onde se encontra o resultante das experiências vividas por ele, na dimensão material ou na espiritual, codificadas como memória, e de onde se extraem todas as informações sobre seu passado. Funciona como uma usina que armazena e processa informações, oriundas das experiências vividas, permitindo que novos conteúdos sejam gerados a serviço da evolução do Espírito. Nela, também, situam-se as estruturas dinâmicas de identidade e as de relação com o mundo, além do *Self*. As primeiras são o *ego* e a *sombra*; as segundas são a *persona* e a *ânima/ânimus*. É comum chamar-se, de mente, o dinamismo que ocorre no aparelho psíquico, mas também se encontram referências em que um é tomado pelo outro. Diferem do cérebro em face de sua estrutura imaterial e, por sua essência, não orgânica. Considerando que o corpo físico é o principal instrumento do Espírito para sua manifestação e aprendizado na dimensão da matéria, o Aparelho Psíquico é seu maior veículo de comunicação com a dimensão espiritual que o cerca. É nele que os pensamentos são gerados; ele é a sede da memória, em que se situam os arquivos das experiências das vidas passadas e da presente. Pode-se afirmar que o corpo físico funciona como uma extensão da camada mais superficial, e ao mesmo tempo densa, da mente humana. A mente é uma espécie de órgão a serviço do Espírito, fazendo a interface entre ele e a realidade material.

Sua divisão em Inconsciente Coletivo, Pessoal e Consciência é meramente didática, pois não é possível, ao menos com os conhecimentos atuais, se chegar à percepção direta de seus conteúdos, de sua estrutura, de sua natureza ou mesmo de sua localização. Importante destacar que corpo, mente e Espírito são distintos, separáveis, muito embora interrelacionados. A mente situa-se no Perispírito, que, por sua vez, não é um organismo unicamente para modelação do corpo físico, mas um sistema complexo com distintas propriedades, sendo o *locus* de processamento das informações e das experiências do Espírito. O gerenciamento da dinâmica psíquica/física é a principal função do Perispírito.

Arquétipo

Os arquétipos são estruturas virtuais, primordiais da *psiqué*, responsáveis por padrões e tendências a comportamentos comuns, típicos de certa classe de animais e dos seres humanos. Tudo que se produz e todo comportamento humano é modelado por um ou mais arquétipos. Toda ação humana, tudo que resulta do desejo é realizado por via de um ou mais arquétipos. O impulso para a vida nasce na intimidade do Espírito, na direção dos arquétipos a fim de se materializar como ação. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. Eles ordenam imagens direcionadoras de comportamentos. Jung afirma que estas imaginações ou imagens não são hereditárias e que hereditária é a capacidade de ter tais

imagens. Essas imagens humanas, universais, originam-se da camada mais profunda do Inconsciente, chamada de Coletivo.

Para Jung,

O arquétipo é um modo do comportamento psíquico e, como tal, é um fator irrepresentável que ordena inconscientemente os elementos ou conteúdos psíquicos de forma a assumirem configurações típicas, assim como o tubo de ensaio ordena moléculas numa solução saturada.⁶

São coletivos, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem. Pode-se percebê-los pelos *complexos* que todos têm, pelas imagens arquetípicas que geram e pelas tendências culturais coletivas. São como apêndices do Aparelho Psíquico que se prestam a ordenar as experiências humanas. Numa visão espírita, portanto não junguiana, são formados ao longo da evolução do Princípio Espiritual (Princípio Inteligente que, pelas experiências vividas nos diversos Reinos da Natureza (mineral, vegetal e animal) alcança, na fase humana, a condição de Espírito dotado da consciência de si (razão)). As várias experiências de contato do Princípio Espiritual com a matéria, nos diversos reinos da natureza, possibilitaram a formação daquilo que, posteriormente, se constituiu sua mente, no seu corpo espiritual ou perispírito. Vale ressaltar que o Princípio Espiritual é denominado Espírito, quando alcança a razão, já se utilizando de um corpo humano. A formação dos arquétipos é anterior a essa utilização. Há quem busque o arquétipo na estrutura cerebral, ou genética, valendo-se da afirmação de Jung sobre sua formação hereditária; porém, mesmo que se encontre tal indício, não implica que não seja mera representação física do que é psíquico. Num certo sentido, tudo que é físico, anteriormente já foi psíquico. No cérebro, encontramos marcas resultantes de processos psíquicos com reflexos no corpo físico.

Complexos

Os *complexos* são conteúdos psíquicos carregados de afetividade, resultantes das experiências do indivíduo em suas relações com o meio, agrupados pela frequência emocional semelhante. São aglutinações das emoções que resultam das experiências humanas e que têm a mesma frequência vibracional. Nise da Silveira diz que os *complexos* são

temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes (...), e que (...) reagem mais rapidamente aos estímulos externos. São manifestações vitais da psique, feixes de forças contendo potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona.⁷

São unidades vivas, dentro da *psiquê* inconsciente, que gozam de relativa autonomia. Eles se coagulam no Inconsciente, de forma involuntária, por semelhança vibracional, a partir das várias experiências da vida. Por vezes, somos dirigidos pelos *complexos*. Eles não são elementos patológicos, salvo quando atraem para si excessiva quantidade de *energia psíquica*, manifestando-se como conflito perturbador da personalidade. Os *complexos* têm a facilidade de alterar nosso estado de espírito sem que nos apercebamos de sua presença constelada na consciência. À semelhança de um campo magnético, não são passíveis de serem observados diretamente, mas por meio da aglutinação de conteúdos emocionalmente semelhantes que os constituem. No âmago de um *complexo*, pode-se encontrar um núcleo arquetípico. Quando se vive, na consciência, uma experiência que tenha a mesma tonalidade emocional de um *complexo*, este assume o *ego* como se fosse uma nova personalidade. Eles estão disponíveis no Inconsciente e são extraídos pelo *ego* quando, na consciência, vivem-se experiências que podem proporcionar a atualização da evolução do

⁶ JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par 1158, p. 56.

⁷ SILVEIRA, Nise. *Jung vida e obra*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 37.

Espírito. Por outro lado, os *complexos* são elementos presentes nas obsessões espirituais. Espíritos desejosos em prejudicar alguém contaminam o *ego* com ideias que sintonizam com o conteúdo de um *complexo* que, pela sua qualidade, perturbam o equilíbrio psíquico de uma pessoa. A conexão entre as mentes do encarnado e do desencarnado decorre da semelhança vibracional dos *complexos* existentes em ambas. Os *complexos* são estruturas impulsionadoras da vida. Assemelham-se aos nós de uma rede, formando matrizes de temas emocionais. Agem à semelhança de sub-rotinas de um programa de computador. São passíveis de conscientização e dissolução.

Consciência ou Consciente

É o campo de manifestação consciente do Espírito imortal que, através do *Ego*, forja a realidade material. Consciência tanto é campo quanto é atitude. Como campo, presta-se ao armazenamento de conteúdos e, como atitude, é a consciência de si. É, por um lado, campo de conteúdos psíquicos que guardam suficiente energia para se tornarem diretamente acessíveis ao *ego*. As experiências vividas pelo *ego*, assim como o que pertencia ao Inconsciente e que adquiriu suficiente energia, tornam-se elementos da Consciência, portanto, passíveis de serem integrados ao *ego*. Consciência é, por outro lado, atitude quando considerada como apercepção instantânea de algo diretamente relacionado ao *ego*. A consciência é um campo de conteúdos que não só emergiram do Inconsciente como também de imagens/objetos gerados instantaneamente no contato do *ego* com a realidade. Essas imagens/objetos são elementos em transição do físico para o psíquico, misto de sensações e de apercepções em fase de *psiquificação*, isto é, de se tornarem definitivamente psíquicos.

A Consciência é produto da evolução do Espírito. O Espírito é uma criação divina com implementos *a priori* que lhe capacitam a aprender, sendo sua constituição simples e ignorante, portanto, sem conhecimento algum. Há uma natural predominância do Inconsciente, que é a matriz geradora do campo da Consciência e da formação do *ego* (consciência de si). A Consciência surge gradativamente como um despertar para uma nova dimensão. Ela se apresenta como um campo de conteúdos com o aparecimento da função associativa, cujo amadurecimento enseja o surgimento do *ego* como centro aglutinador.

O nascimento ou surgimento da Consciência vem da formação, pelo Inconsciente, de conteúdos oriundos das experiências acumuladas pelo Princípio Inteligente. Aqueles conteúdos associam-se graças ao Centro Ordenador da Vida (*Self*), constituído *a priori*, formando, sem se poder determinar em que momento, um campo posteriormente denominado Consciência, no qual vai se estruturar o *ego*, representação, em plano menor, do Espírito. Essa estrutura (*ego*), em momento não definível, passa a possuir o que se denomina Razão Humana ou consciência de si. É um processo que vem ocorrendo a milhões de anos.

A consciência é uma espécie de atitude psíquica que envolve conteúdos, com forte carga de energia, acessíveis ao *ego*. Sua base e origem é o Inconsciente. Difere do eu ou *ego* pelo seu conteúdo amplo e por ser seu campo de atuação. Geralmente, opõe-se ao que há no Inconsciente. Jung escreveu que “Não existe consciência sem diferenciação de opostos.”⁸

Em 1939, Jung afirmou que

Nossa consciência não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas. Desperta gradualmente na criança, e cada manhã, ao longo da existência, desperta das profundezas do sono, saindo de um estado de inconsciência. É como uma criança que nasce diariamente das profundezas do inconsciente materno. Sim, um estudo mais acurado da consciência nos mostra claramente que ela não é

⁸ JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 178, p. 104.

somente influenciada pelo inconsciente, como também emana constantemente, do abismo do inconsciente, sob a forma de inúmeras idéias espontâneas.⁹

A Consciência é outro conceito *a priori*, pois é, apenas, um campo de um modelo de percepção da *psiquê*. Esse modelo foi se constituindo a partir da impossibilidade de se acessar conteúdos de experiências de vidas passadas, tanto quanto outros conteúdos que não têm energia suficiente para permanecer sob o domínio direto do *ego*. Uma nova experiência que surge com maior carga emocional sobrepõe-se a outra anterior, com menor intensidade e, por esse motivo, denominada de conteúdo inconsciente. É o campo restrito da memória integral a que o *ego* tem acesso direto. A conexão com a matéria impossibilita, ao *ego*, o acesso direto às memórias do Espírito. A Consciência, parte importante da *psiquê* ou mente, é um instrumento importante para o Espírito, semelhante a um filtro que retém a parte que não interessa ao Espírito e que vai estruturar uma parcela da personalidade acessível ao *ego*. A outra fica retida no Inconsciente.

Ego ou eu

É o sujeito da ação consciente. Primeiro núcleo, à semelhança de um *grande complexo* (de identidade), a se formar na Consciência, sendo seu centro. Estrutura-se a partir do Inconsciente e é, muitas vezes, confundido com o centro organizador e diretor do aparelho psíquico, o *Self*. O *ego* é o centro referencial da identidade da pessoa, sendo protagonista das experiências do Espírito. O eu não é o Espírito, mas apenas sua representação numa dada dimensão. Conhecer a si mesmo não é apenas conhecer o eu ou *ego*, que só conhece seus próprios conteúdos, mas aquele centro organizador (*Self*)¹⁰ para acesso ao *Si-mesmo*. O processo de desenvolvimento da personalidade, chamado por Jung de *Individuação*, consiste em diferenciar o *ego* de suas estruturas arquetípicas auxiliares. O *ego*, o *Self* (centro organizador da *psiquê*) e o *ego* onírico, ou seja, o “eu dos sonhos” são instâncias psíquicas diferentes. Diz Hall que “O ego se baseia no arquétipo do Si-mesmo, e, assim, em certo sentido é o intermediário ou agente no mundo da consciência.”¹¹. Estabeleço diferença entre *ego* como identidade da pessoa e *ego* como função psíquica de associação de conteúdos, ou melhor, pode-se considerar que o *ego* ou identidade de uma pessoa possui duas importantes funções: associar conteúdos, mediando a relação entre a Consciência e o Inconsciente, e representar o Espírito. Como função, estabelece conexão com os conteúdos do Inconsciente, simbolizando-os sempre que surgem na Consciência. A função de associar conteúdos parece ser um automatismo de todo o Aparelho Psíquico; portanto, ocorre independentemente da ação consciente do *ego*. É plausível que se pense o *ego* exclusivamente como identidade. Além disso, é também aceitável que o próprio *ego* se perceba como sendo o conjunto daqueles conteúdos. Diferentemente do Espírito, o *ego* está sujeito ao tempo e ao espaço.

Energia

É uma palavra que, pelo uso em diversos campos, comporta uma série de conceitos, de ideias e possibilidades. Na Física, energia quer dizer matéria, e esta quer dizer energia. A matéria é energia que se apresenta em distintos estados e com múltiplas propriedades. Representa também certa força que movimenta a própria matéria, isto é, os corpos em geral. Pelas suas propriedades, é passível de retirar a inércia natural dos corpos. É comum se aplicar, inadequadamente, a palavra energia quando se pretende falar de algo transcendente à matéria, isto é, de algo espiritual; isso decorre da falta de um termo mais apropriado. Fala-se que Deus

⁹ JUNG, C. G. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 935, p. 576.

¹⁰ Diferentemente de C. G. Jung, faço distinção entre *Self* e *Si-mesmo*. O primeiro é o arquétipo da ordenação do destino pessoal e da construção da personalidade ótima; o segundo é a individualidade, isto é, o Espírito em si.

¹¹ HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 41.

é “energia”, que Espírito é “energia”, que se tem essa ou aquela “energia” de viver etc.. Dizer que Deus é energia ou que Espírito é energia é metafórico, pois nenhum dos dois é matéria, o que significa que ambos são algo além da matéria. A dualidade no Universo não é matéria x energia. Essa é mais uma das múltiplas dualidades. Cito, como a mais paradoxal, a dualidade Deus x Espírito. São tão opostos tanto quanto muito próximos.

Considera-se também que energia é um poder intrínseco à matéria e uma das modalidades em que se transforma o fluido divino, substância suscetível ao psíquico, a que Allan Kardec chamou de Fluido Cósmico ou Fluido Universal. Aquilo que designamos como matéria, ou energia condensada, é simplesmente o “campo” de manifestação do Espírito. É nela que ele se apresenta como *ego*. O *ego* é uma estrutura que acontece quando o Espírito se manifesta na matéria/energia. Energia, para o *ego*, é um “impulso para”, portanto, um poder disponível para realizar algo.

A experiência do duplo corte, descrita pelo físico, médico e egiptólogo Thomas Young (1803), parece querer nos mostrar a existência de algo além da matéria (ligado ou não a ela), que lhe modifica inteligentemente a manifestação ou o movimento. Esse algo, cuja natureza é desconhecida, não é uma energia, apresentando-se como suscetível às modificações da *Gestalt* (forma ou estrutura), como se a forma ou configuração do anteparo (simples corte ou duplo corte) fosse determinante para a natureza do sujeito e sua manifestação. A percepção de que a energia se comporta às vezes como onda e às vezes como partícula deve-se à natureza de quem percebe e não à natureza do que é percebido. O objeto percebido altera-se ao entrar em contato com o observador, ou seja, o observador altera sua percepção no contato com o objeto.

Energia Psíquica

É a energia vital que impulsiona o ser humano em seu processo de *Individuação*, isto é, objetivando o desenvolvimento de sua personalidade. A palavra energia é aqui utilizada no sentido de “impulso para” algo. Através dela, existente em abundância na *psiquê* de cada ser humano, vivem-se as experiências necessárias para o desenvolvimento da personalidade. É a energia que promove a vida e faz com que ela aconteça. Palavras como desejo, impulso, vontade e instinto estão diretamente relacionadas ao conceito de *energia psíquica*. Muitas vezes, vê-se o conceito de *energia psíquica* equivocadamente associado ao de *libido*, considerando-se este último como impulso para vida e restringindo-o à energia puramente sexual. É a *energia psíquica* o combustível do Espírito no seu processo de evolução. A *energia psíquica* é certa disposição interna para realizar algo. Essa disposição pode ser para acionar algo do Inconsciente ou para ativar conteúdos da Consciência. É sempre uma espécie de “poder fazer”.

Espaço

O espaço é outro conceito relativo e do domínio do *ego*; a rigor, não é concreto, pois seria como admitir a existência de um ente além das coisas na dimensão da matéria. Não há espaço entre objetos, mas matéria, numa disposição, ou vibração, desconhecida. Quando se diz que o espaço é curvo ou que ele tem existência real, está se falando de uma modalidade desconhecida de energia, invisível, que se confunde com o que se chama de espaço. Assemelha-se a um campo de força que atrai o que está à sua volta. Em verdade, a matéria aglutina-se em torno da “disposição” que provoca a curvatura. O espaço é a energia ou força em torno dos objetos que mutuamente se atraem. O Espírito não ocupa espaço, ao contrário do *ego* que necessita se sentir num espaço. O Espírito atrai a matéria, ou seja, aglutina a energia à sua volta.

O *cyberespaço*, ou espaço virtual, é um conceito cuja utilização, nos mais diversos campos tecnológicos, irá aos poucos inserindo o ser humano (*ego*) nos domínios do Espírito. Isto quer dizer que o conteúdo existente nos “hosts”, ou depósitos de informações, que alimentam a internet, absorvem parte importante da memória humana. Os “hosts” tornam-se

algo que se assemelha ao Inconsciente da coletividade que o acessa. Esse, sim, é o verdadeiro inconsciente coletivo, pois, aquele, assinalado por Jung, é individual. Não há espaço real, a não ser para o *ego*, e tampouco há tempo no domínio do Espírito. Nesse sentido, não se pode aplicar a ideia de espaço ao conceito de Deus nem inseri-lo no Universo como sua morada. É metafórico considerar que o Universo é a “morada” de Deus, pois espaço é um conceito que se refere à dimensão densa do Espírito; portanto, espaço é campo relativo que serve de representação ao Espírito, na dimensão do *ego*.

Espírito¹²

Princípio detentor de múltiplas inteligências, dotado de razão, consciência de si e aglutinador dos paradigmas que é capaz de apreender nas experiências de contato com a realidade a sua volta. Em seu ser, cabem os paradigmas assimilados nas experiências e tudo que diz respeito ao ético e ao que é da ordem do divino. Inicia sua evolução como Princípio Espiritual, tornando-se Espírito quando adquire certo conjunto de paradigmas que o capacitam, inconscientemente, a formar o eu ou *ego*. Espírito é o *Si-Mesmo*, individualidade eterna, imortal e essência divina.

Extroversão

É o movimento da *energia psíquica* na direção do objeto externo. O sujeito é mobilizado pelo objeto externo, que lhe atribui um valor maior do que ele de fato possui. Na extroversão, o indivíduo está parcialmente alienado de si em função do objeto e de toda a subjetividade que o compõe. Na extroversão, o indivíduo se volta para fora, em direção ao seu desejo, subordinando-se às solicitações oriundas do objeto. A *energia psíquica*, direcionada para o externo, reduz a subjetividade aplicável ao objeto. A extroversão parece ser o fluxo natural da vida e a direção na qual a energia sofre o mínimo de interferência da subjetividade do *ego*. O contrário da Extroversão é Introversão, que é o movimento de energia para conteúdos internos. Esses dois movimentos não me parecem únicos, pois tanto a consciência quanto a inconsciência parecem apresentar seu próprio dinamismo, associando e refundindo conteúdos automaticamente. O indivíduo que se encontra em maior tempo na extroversão apresenta-se como alguém sempre disposto ao que é externo e ao movimento; ao contrário, o indivíduo que se encontra em maior tempo na introversão apresenta-se como alguém mais reflexivo e dado a ficar consigo mesmo.

Fluido Vital

É o princípio que permite o acontecimento da vida orgânica ou energia para o florescimento da vida. É uma alteração do Fluido Cósmico que permite plasticidade à matéria, tornando-a suscetível à influência direta do Espírito. Por causa de suas propriedades, favorece o desenvolvimento do Espírito e, através de sua manipulação, permite a apreensão das leis de Deus. Quando modificado, é responsável pelos fenômenos mediúnicos e, de acordo com sua vibração, facilita a comunicação entre seres de diferentes dimensões. Tal fluido dá um caráter diferencial à matéria propriamente dita, tornando-a dotada de certo poder de abrigar ou associar-se à vida, de se auto-organizar, de se autogerir, sendo suscetível a abrigar a inteligência, que lhe permite fazer certas escolhas e trocas primárias.

Função Transcendente

É a função psíquica que permite a geração de um símbolo entre conteúdos inconscientes e conscientes, pela confrontação de opostos. É essa função que permite que os conteúdos do Inconsciente possam vir à Consciência na forma de símbolos e fantasias. O psiquismo humano possui várias funções, que permitem entradas e saídas de conteúdos resultantes das diversas

¹² Maiores esclarecimentos constam do livro *Psicologia e Universo Quântico*, do autor, p. 126.

experiências de contato do Espírito com a realidade. Tais funções, além de manter os processos psicodinâmicos, alquimicamente promovem a passagem do impulso que vem do Espírito para a realidade. Como os conteúdos do Inconsciente se estruturam em linguagem própria, provavelmente a partir de imagens, diferentemente dos impulsos elétricos inerentes às conexões neuronais, a passagem do Inconsciente para a Consciência deve-se à Função Transcendente. Uma ideia, para ser assumida pelo *ego*, conecta-se a conteúdos inconscientes, cuja associação se deve à Função Transcendente.

Imago Dei

É a marca divina na *psiquê* humana. É um arquétipo que impulsiona, em todas as épocas, a busca humana pelo sagrado e por tudo que diz respeito à ideia de Deus. Esse arquétipo é o responsável pelo surgimento das diversas religiões na humanidade. É o *imprint* psíquico, que é representado pelas imagens sagradas de Deus. Tudo que, para o ser humano, representa Deus é gerado pela *Imago Dei* presente em seu psiquismo. Todos os adjetivos, figuras, representações simbólicas, sentimentos e concepções lógicas ou subjetivas a respeito de Deus são originários da marca impressa no psiquismo humano, denominada *Imago Dei*. Tal marca é vulgarmente chamada de “Deus Interior”. É a *Imago Dei* que torna possível a conexão do humano com o divino.

Inconsciente

O Inconsciente é o campo do psiquismo em que se estrutura a história real do ser humano e é a matriz de tudo de novo que nele brota. De suas entranhas, nascem a Consciência e tudo que é passível de ser integrado ao *ego*. É o grande campo que serve de base para o que é incognoscível ao ser humano. É ele que forja as imagens possíveis de serem compreendidas pela consciência do eu no formato de símbolos.

O ser humano, o Espírito imortal, surge inicialmente inconsciente, tornando-se consciente à medida que evolui com as experiências que vive. O Inconsciente contém um *a priori* divino – os arquétipos e outras estruturas – bem como os conteúdos resultantes das experiências acontecidas enquanto Princípio Espiritual e, depois, como Espírito, sendo este o ser dotado de Razão. O Inconsciente é a matriz de toda produção humana.

Constitui-se de conteúdos sem *energia psíquica* suficiente para atingir a Consciência. É a parte da *psiquê* em que se encontram os conteúdos arquetípicos. Para Jung, o Inconsciente “é a fonte de todas as forças instintivas da psique”¹³. Seu conteúdo não está relacionado de modo perceptível com o *ego*. No Inconsciente está tudo que sei, mas que não estou pensando no momento ou esqueci; tudo que é captado subliminarmente, mas não percebido; tudo o que faço involuntariamente, bem como novas elaborações psíquicas a partir do material existente. Neste último caso, atribui-se uma função criativa ao Inconsciente. Tudo que lá está poderá se tornar consciente algum dia. Permanecer com os conteúdos inconscientes acessíveis à Consciência, sem o controle do *ego*, poderá provocar sintomas psicóticos. Os conteúdos inconscientes, dispostos de forma simbólica, quando acessíveis à Consciência, deverão sofrer a necessária interpretação. Jung afirma que existem duas espécies de Inconsciente: o Pessoal e o Coletivo. O Inconsciente Pessoal é formado pelas experiências, reprimidas ou não, que o indivíduo tem em sua vida consciente desde a infância. O Inconsciente Coletivo é resultante das experiências da humanidade sedimentadas na *psiquê* coletiva, pela hereditariedade. Os conteúdos do Inconsciente Coletivo, para Jung, não podem ser adquiridos individual, mas coletivamente. Para ele, toda a Mitologia é uma espécie de projeção do Inconsciente Coletivo, como um sonho coletivo. Ele considera o Inconsciente Coletivo a *psiquê* objetiva.

¹³ JUNG, C. G. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. par. 342, p. 163.

Do ponto de vista da Psicologia do Espírito, o Inconsciente Coletivo formou-se pelas sucessivas experiências do Princípio Espiritual no contato com as formas da Natureza, vivenciadas no Reino Mineral, no Vegetal e no Animal. Ao longo do tempo, no perispírito, as estruturas psíquicas foram se tornando cada vez mais complexas até possibilitar o estágio humano, quando o ser é denominado Espírito. O Inconsciente Pessoal, além dos conteúdos da atual encarnação, contém as experiências vividas pelo Espírito em suas vidas passadas.

Individuação

É um dos conceitos centrais da Psicologia Analítica de Jung. É o processo de desenvolvimento da personalidade pela diferenciação psicológica do eu ou *ego* em relação ao coletivo. É um processo no qual o *ego* visa tornar-se diferenciado da coletividade, embora nela vivendo para a ampliação de suas relações. Para se alcançar a *Individuação*, é necessário evitar as tendências coletivas inconscientes, isto é, o viver de acordo com a maioria. A *Individuação* respeita as normas coletivas e o individualismo as combate. O contrário à *Individuação* é ceder às tendências egocêntricas e narcisistas ou à identificação com papéis coletivos. A *Individuação* leva à realização do *Self*, ao encontro consigo mesmo, e não simplesmente à satisfação do *ego*. É um processo dinâmico que passa pela compreensão da finitude da existência material, da vida exclusivamente objetiva, face à inevitabilidade da morte física. *Individuação* é o processo do indivíduo se tornar aquilo que de fato ele é, destituído dos aparatos e mecanismos de fuga de sua verdadeira natureza. A *Individuação* pressupõe a vivência de experiências que levem à integração da *sombra*, isto é, daquilo que se desconhece ou nega a respeito de si mesmo; à consciência dos processos psicológicos em seu psiquismo e sua compreensão adequada; ao confronto com sua *ânima* ou com seu *ânimus*; à desidentificação com as *imagos* parentais, reconhecendo suas influências na própria personalidade; ao rompimento do dinamismo incestuoso com o Inconsciente, que contribui para a inércia na vida; à dissolução dos *complexos* a partir de sua identificação, conscientização e dissolução; à necessidade consciente de encontrar a Designação Pessoal, dando um sentido para a própria vida; ao encontro com o *Si-mesmo* ou com sua máxima essência. É um processo longo, cíclico e pessoal, e muito útil à evolução do Espírito.

Introversão

É o movimento da *energia psíquica* na direção de conteúdos internos da *psiquê*. É uma espécie de regressão da motivação no psiquismo humano. Na introversão, a pessoa dá mais valor ao seu próprio mundo subjetivo, dando pouca atenção à realidade, isto é, o objeto tem pouco valor em relação ao sujeito. A introversão é a tendência natural em se considerar mais os conceitos sobre a realidade do que as sensações direta e instantaneamente obtidas. A primazia é dos juízos sobre os objetos e não o que de fato eles são. A introversão dá-se como se o *ego* olhasse para o Inconsciente. O introvertido, ao contrário do extrovertido, tende à reflexão em detrimento da ação.

Mente

Ver Aparelho Psíquico e *Psiquê*.

Movimento

O movimento é o deslocamento relativo de objetos no que se chama de espaço. É a troca de lugar em relação à consciência do eu; pode-se, porém, entender o movimento como o impulso que a matéria recebe ao ser ativada pelo influxo da energia oriunda do Criador da Vida. Só o Espírito se movimenta sem deslocar os objetos, isto é, sem trocar de lugar com eles. A vida é movimento, pois tudo está numa espécie de dinamismo divino; cada partícula do Universo movimenta-se, numa constante vibração, como se pulsasse no ritmo do Criador. Até entre os Universos, distintas dimensões da realidade concebível ao humano, há movimento. A

própria dualidade da luz, ora comportando-se como onda, ora como partícula, revela o movimento intrínseco no Universo. Tudo é movimento, não existindo inércia nem referencial único em volta do qual tudo se movimentaria.

Mundo Espiritual

Lugar onde habitam os espíritos desencarnados, que, vez por outra, é também frequentado por encarnados tanto de forma inconsciente quanto em *desdobramento*. Possui uma sociedade tão ou mais estratificada que a dos encarnados, tão desigual quanto a da Terra. É a primeira estação de passagem aos recém-desencarnados. É uma das onze dimensões a que se refere a Moderna Física Quântica. Mesmo sendo espiritual, há matéria numa vibração diferente daquela em que se situam os encarnados. É também conhecido como Espiritualidade, Mundo Astral, Erraticidade ou Dimensão do Espírito. Sua organização é anterior à sociedade dos encarnados.

Pensamento

O pensamento é uma frequência de desejo que surge do perispírito, com raízes no Espírito, cuja emissão é contínua. É pelo pensamento que o Espírito traduz o impulso criativo que lhe vem de sua máxima essência, ou seja, de sua mais recôndita intimidade. É um produto da necessidade imperativa de comunicação, que procede do Espírito. Sua elaboração, assumindo o formato de ideia, ocorre pela conexão com emoções que recebem o influxo do Espírito. É um tipo especial de matéria que nasce no perispírito e se transforma em ideia, que é traduzida através de palavras, sinais, mímica, alterações orgânicas e todo tipo de ação humana. Diferentemente do instinto, que procede do corpo, o pensamento origina-se da mente que o emite com ou sem a consciência do *ego*. As ideias são reuniões de pensamentos que se agrupam por similaridade, buscando uma representação para o *ego*.

Perispírito

O perispírito é o corpo espiritual, elemento intermediário entre a dimensão material e a espiritual. É o veículo de manifestação do Espírito, independentemente do corpo físico. Todos os processos psíquicos e mediúnicos se devem às propriedades do perispírito. Sua dinâmica interfere e sofre interferência do corpo físico. É em sua estrutura que se gravam os estigmas que vão surgir no corpo físico. Abriga a mente e atua sobre o fluido vital, proporcionando a conexão Espírito-corpo físico; foi construído/elaborado ao longo da evolução do Espírito, fruto de suas experiências com a realidade e com as relações com o outro. É o invólucro do Espírito enquanto este não alcançou a condição de espírito puro. Sua constituição semimaterial permite a ligação do Espírito à matéria. Nele se encontram guardadas as experiências reencarnatórias do Espírito. Allan Kardec escreveu que “O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia.”¹⁴.

Persona ou máscara

É um *complexo funcional* que permite ao *ego* apresentar-se e adaptar-se às situações externas ligadas à convivência, sendo um meio pelo qual se vincula ao mundo. O termo *persona* deriva das máscaras que os atores gregos usavam para os diversos papéis ou personalidades que interpretavam. É o aspecto ideal do eu, que se apresenta ao mundo e que se forma pela necessidade de adaptação e convivência pessoal – é o que se pensa que é. Muitas vezes, a *persona* é influenciada pela *psiquê* coletiva, confundindo as ações de uma pessoa como se fossem individuais. Representa um pacto entre o indivíduo e a sociedade, sendo um conjunto de personalidades ou uma multiplicidade de pessoas numa só. A

¹⁴ KARDEC, Allan. *A gênese*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982. p. 33.

identificação do *ego* com a *persona* provoca o afastamento de nossa identidade pessoal, isto é, corremos o risco de não sabermos quem realmente somos quando nos identificamos com a *psiquê* coletiva. Somos, ao mesmo tempo, seres individuais e coletivos, pois temos uma natureza singular e também atitudes que nos confundem com a coletividade. A *persona*, mesmo não tendo sido classificada como arquétipo, não deixa de ser uma tendência natural do *ego* em se mostrar ao mundo de forma conveniente. A formação da *persona* também pode ser considerada uma das muitas propriedades do *ego*. O Espírito constrói e consolida diferentes *personas* nas várias encarnações que vivencia, guardando-as em seu Inconsciente Pessoal. Em certas situações, essas *personas*, como subpersonalidades, assumem a Consciência.

Personalidade

É a atitude externa de uma pessoa em determinado ambiente que envolve seu caráter, seus princípios, seus valores, seus sentimentos e demais aspectos acessórios característicos de todo ser humano. Na personalidade de um indivíduo, estão incluídos seus processos conscientes e os inconscientes, bem como tudo que envolve sua vida de relações. A personalidade é um retrato instantâneo de uma pessoa, incluindo sua individualidade, isto é, o Espírito que ela é. A personalidade não é a individualidade que evolui, desenvolvendo-se ao encontro do *Si-mesmo*, de forma lenta e gradativa; enquanto aquela é visivelmente mutável a cada instante e, principalmente, a cada nova encarnação, a individualidade tem sua evolução de forma sutil e imperceptível ao *ego*. A personalidade é a totalidade das representações do indivíduo, mesmo que parte dela esteja encoberta no Inconsciente. O termo personalidade é vulgarmente confundido com caráter e com temperamento.

Psiquê

Considerando que o termo acima é o mesmo que Aparelho Psíquico, não deveria aparecer o verbete *Psiquê*. Porém, visando proporcionar um melhor entendimento da dinâmica psíquica, ampliando a percepção de algo só concebível indiretamente, acrescento mais algumas ideias a respeito.

O mesmo que aparelho psíquico, representa a totalidade das funções psíquicas e todos os processos que envolvem o deslocamento de energia a serviço do processo de *Individuação*. Engloba não só os processos conscientes e inconscientes como também aqueles que fogem ao domínio imediato da realidade. Nela se encontram os opostos que anseiam em se completarem. Jung dizia que a *psiquê* é o princípio e o fim de todo o conhecimento – é o objeto e o sujeito da ciência. Podemos, para uma melhor compreensão, perceber a *psiquê* sob quatro diferentes níveis: Consciência Pessoal, Inconsciente Pessoal, Consciência Coletiva e Inconsciente Coletivo ou Arquétipico. A Consciência Pessoal é o campo no qual se encontram os conteúdos imediatamente acessíveis ao *ego*; o Inconsciente Pessoal é o campo de registro das experiências do Espírito nas suas várias encarnações, inclusive na atual, e que não estão diretamente acessíveis ao *ego*; a Consciência Coletiva é a parte do Inconsciente que contém aquilo que é do domínio coletivo, como herança comum circulante na sociedade, constituindo o que é conhecido como cultura, valores e mentalidade coletiva; o Inconsciente Coletivo é a parte da *psiquê* em que se encontram os arquétipos, tendências coletivas oriundas das experiências do Princípio Espiritual nos diversos reinos da Natureza. *Psiquê* é o mesmo que mente. É um fenômeno de exteriorização ou manifestação do Espírito, sendo-lhe órgão funcional que se localiza no perispírito. Através dela, o Espírito consegue manipular a matéria, vinculando-se ao que se conhece com o nome de realidade ou dimensão existencial, isto é, a dimensão em que o *ego* se situa. Por se localizar no perispírito, ela é virtual para o corpo físico, justapondo-se a ele por sutis conexões. Pela sua sutil condição estrutural de elemento intermediário entre o perispírito e o corpo, consegue mobilizar a matéria orgânica através do complexo cerebral.

Podemos entender a *psiquê* ou mente como um instrumento do Espírito – não é produto do cérebro, porém age diretamente sobre ele. Ver Aparelho Psíquico.

Reforma Íntima

É o processo de autotransformação inerente a todo ser humano, visando sua contínua evolução. Pressupõe um processo de transformação efetiva que inclui a aquisição do conhecimento gradativo das leis de Deus e a construção de habilidades e competências para atuar em sua dimensão existencial. Assemelha-se ao *Processo de Individuação* descrito por Jung, ampliando seu alcance. Não se trata de simples modificação no comportamento, mas educação emocional, intelectual e espiritual com a integração daquelas habilidades e competências. A reforma íntima é um trabalho de conhecimento de si mesmo que permite a ocorrência cotidiana de transformações na forma de construir as próprias ideias e de vivenciar as emoções. Tal reforma implica conhecer-se, descobrir-se e transformar-se no que diz respeito à atuação na vida consciente. Significa conhecer o que está na consciência; descobrir-se em relação ao que está na *sombra*, portanto, no Inconsciente; transformar-se, vivenciar em sociedade o que se conscientizou de si mesmo; e tornar-se a máxima realização de si mesmo. É um processo cíclico de ascensão na direção daquilo que é o mais desconhecido. Muitas vezes é confundida como uma conversão religiosa, que se trata apenas da adoção de normas e preceitos religiosos.

Religião

É a manifestação da *Imago Dei* (Imagem de Deus, ou marca divina na *psiquê* de todo ser humano) na Consciência. É o “campo” do saber que se ocupa da transcendência do ser humano e da busca de suas raízes espirituais e divinas, apontando para um futuro ditoso. Através dela, o Espírito realiza sua essência. A incursão da religião na vida do ser humano é fruto de sua ascendência espiritual, de suas origens verdadeiras. A procura pelo espiritual, pelo transcendente e pela própria divindade é e será sempre crescente, enquanto o ser humano não se reconhecer naquilo que espera de Deus. Por esse motivo, as religiões têm interferido na visão de mundo do ser humano e na percepção que ele próprio tem de si mesmo. As conceituações ditadas pelas religiões são fruto de cada época e de acordo com a evolução espiritual alcançada. São provisórias, pois nenhum conceito é definitivo. A verdadeira religião é aquela que leva o indivíduo ao encontro consigo mesmo e com Deus. Religião é a conexão ativa que o indivíduo tenta fazer com a *Imago Dei*, para que se sinta conectado ao *Si-mesmo*. A prática religiosa, via religião formal, deverá levar o ser humano a construir sua Religião Pessoal, intransferível e realizável a qualquer tempo e circunstância. Não considero a ideia de que religião é religação, pois tal conceito é restrito às religiões do tronco judaico-cristão.

Self

É o centro organizador da *psiquê* e tendência ao ideal humano de autotransformação. É um *a priori* no psiquismo para que o Espírito se realize. É o arquétipo da totalidade, isto é, a tendência que existe no Inconsciente de todo ser humano em buscar o máximo de si mesmo e o encontro com o divino. É, ao mesmo tempo, a unidade e a totalidade da personalidade do indivíduo. É o centro do aparelho psíquico, englobando os conteúdos conscientes e os inconscientes. Como arquétipo, apresenta-se nos sonhos, mitos e contos de fadas como uma personalidade superior, como um rei, um salvador ou um redentor. São numerosos os símbolos oníricos do *Self*, e a maioria deles aparece como figura central no sonho. É uma dimensão da qual o *ego* evolui e se constitui. Para Jung, *Self* é o mesmo que *Si-mesmo*. Ele dizia que “O *si-mesmo* também pode ser chamado ‘o Deus em nós’.”, e completava acrescentando que “o *si-mesmo* está para o eu, assim como Sol está para a

Terra.”¹⁵ Isso nos faz entender melhor qual é a relação entre o centro diretor da consciência (*ego*) e o centro organizador da vida psíquica (*Self*) do indivíduo. O *Self* é o arquétipo central da ordem, da construção e da coordenação do *Processo de Individuação*. O *Self* é o arquétipo que produz certo senso de organização e de discernimento para as finalidades de vida. Os eventos em *sincronicidade*, bem como as experiências que são vividas sem a vontade consciente, tratam-se de propósitos “sélficos” a serviço do aprimoramento do Espírito. Originam-se do *Self* até mesmo aqueles eventos que resultam em tragédias ou que trazem males e sofrimento, pois têm o sentido de atender às necessidades evolutivas do Espírito. O Espírito não é o *Self*, porém todo seu propósito passa por esse arquétipo.

Ser Humano

Uso o termo ser humano ao invés de homem, tendo em vista que esta última denominação, utilizada para a espécie, confunde-se com o gênero, bem como por conter um viés masculino característico. O termo ser humano aplica-se a encarnados e a desencarnados, pois a perda do corpo físico não altera a condição humana de ambos. Considerar Espírito desencarnado como ser humano iguala ambos, reduzindo a supervalorização e o temor atribuídos aos desencarnados. Espíritos desencarnados são pessoas e como tais devem ser tratados. Diferentemente, torna-os seres à parte da humanidade com diferentes poderes.

Si-mesmo

Mesmo considerando que o *Si-mesmo* é o Espírito, acrescento mais algumas considerações sobre a natureza do ser em si. O *Si-mesmo* é a individualidade humana completamente desvestida dos aspectos coletivos inerentes à personalidade. É o Espírito, enquanto essência, princípio inteligente individualizado. Jung dizia que “*O eu é o único dentre os conteúdos do si-mesmo que conhecemos.*”¹⁶ O *Si-mesmo* realiza-se na consciência através do *ego*, atualizando o *arquétipo* do *Self*. Portanto, o desaparecimento não é a eliminação do *ego*, mas sua depuração. O *Si-mesmo* é a essência do ser humano, princípio divino que se manifesta através da personalidade. Para Jung, o *Self* e o *Si-mesmo* são a mesma coisa, pois ele não fazia distinção quando queria abordar a ideia da individualidade humana. Considero que há uma individualidade, independentemente do *Self*. *Self* é arquétipo e *Si-mesmo* é o Espírito, cuja evolução decorre da integração dos paradigmas das leis de Deus. Essa individualidade é o Espírito, essência divina, razão da existência de tudo a sua volta. Mesmo considerando assim, vejo a dificuldade de conceber a individualidade como distinta da personalidade, pois parece que a divindade não deixou que um ser humano se considerasse totalmente distinto de outro. A singularidade do Espírito não parece ser separada de outro nem da humanidade.

Símbolo

Representa algo cuja existência é reconhecida sem se revelar presente. Para Jung,

O símbolo, no entanto, pressupõe sempre que a expressão escolhida seja a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada. (...) Uma expressão usada para designar coisa conhecida continua sendo apenas um sinal e nunca será símbolo.¹⁷

Pode-se, portanto, inventar um sinal, nunca um símbolo, pois este é a melhor representação possível de um fato psíquico desconhecido, e aquele tem seu significado imediatamente revelado. Os símbolos têm a capacidade de transformar e redirecionar a *energia psíquica*, apresentando conteúdos do Inconsciente, a favor do processo de

¹⁵ JUNG, C. G. *Estudos sobre psicologia analítica*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. parágrafos 399 e 400, p. 226.

¹⁶ JUNG, C. G. *Estudos sobre psicologia analítica*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. par. 405, p. 228.

¹⁷ JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. parágrafos 903 e 906, p. 444 e 445.

desenvolvimento da personalidade. Eles são produzidos constantemente, pela Função Transcendente, na *psiquê* e surgem nos sonhos e nas fantasias. Um símbolo sempre aponta para algo desconhecido e que necessita ser tornado consciente. Os símbolos são dotados de energia à espera de ser utilizada pela decifração do significado oculto que carregam. Eles se formam constantemente em face do novo e do criativo que surgem no Inconsciente e na Consciência.

Sincronicidade¹⁸

É o conceito usado por Jung para designar dois ou mais eventos que têm uma correlação significativa, sem que se encontre um nexos causal entre eles. É um princípio de conexões *acausais*. Entre os fenômenos, não parece haver uma relação que sugira uma mesma causa ou que estejam conectados logicamente, mas que possam ter algum tipo de conexão de funcionalidade. Na ocorrência de fenômenos sincronísticos, o tempo e o espaço são reduzidos a vetores secundários não quantificáveis. Tais eventos são chamados de fenômenos de *coincidência significativa*. Jung dizia que os fenômenos da *sincronicidade* “*mostram que o não-psíquico pode se comportar como o psíquico, e vice-versa, sem a presença de um nexos causal entre eles*”¹⁹. Os eventos ligados aos fenômenos da percepção extrassensorial são considerados, por Jung, como sendo da *sincronicidade*. A correlação significativa entre dois eventos sincronísticos parece obedecer a uma função que os une por força do *Self* e do *Si-mesmo*. Um dos eventos é interno e o outro é externo. Também parece haver, na *psiquê*, um padrão subliminar que favorece o aparecimento dos eventos em *sincronicidade*.

Sombra

Representa o que não sabemos ou negamos a respeito de nós mesmos. A *sombra* é o arquétipo que representa os aspectos obscuros da personalidade e desconhecidos da consciência. Normalmente, temos resistência em reconhecer e integrar a nossa *sombra*, o que nos leva, inconscientemente, às projeções. Essa integração é geralmente feita com relativo esforço moral. A *sombra* representa o que consideramos como mal e como bem sem nos darmos conta de que nos pertencem; nesse sentido, a *sombra* contém o bem e o mal desconhecidos ou negados em nós, ou que não foram conscientizados; portanto, é acertado dizer-se que a *sombra* contém também qualidades boas. Ela dá lugar à *persona* por uma necessidade de adaptação social. Sua exposição torna o indivíduo, muitas vezes, inadequado e inviabiliza sua convivência harmônica. Nos sonhos, a *sombra* costuma aparecer como personagens do mesmo sexo do sonhador, muitas vezes em atitudes aversivas ou como alguém conhecido e antipatizado por ele. Temos uma tendência a projetar as características pessoais da *sombra* nos outros, considerando-os moralmente inferiores. Reconhecer e integrar a própria *sombra* é um grande passo no *Processo de Individuação*. A *sombra* opõe-se à *persona* e ambas relacionam-se num regime mútuo de compensação. Num certo sentido, o Inconsciente, em sua totalidade, é *sombra*, contrapondo-se à Consciência, que é luz. A relevância em se integrar a *sombra* está em reconhecer-se o que se é, sem esconder-se dos outros e de si mesmo; quando se esconde a *sombra* conhecida, utiliza-se muita energia psíquica no esforço de proteção à imagem pessoal. A *sombra* pessoal deliberadamente escondida favorece as obsessões espirituais e o adoecimento da personalidade.

Supra-arquetípico

São tendências divinas a que todo ser humano está sujeito sem qualquer possibilidade de escolha ou ação direta para que aconteçam. Ocorrem independentemente e além daquelas tendências internas direcionadas pelos *arquétipos*. É aquilo que obedece a leis universais por

¹⁸ Ver maiores explicações no capítulo *Eventos em sincronicidade*, do livro *Mito Pessoal e Destino Humano*, do autor.

¹⁹ JUNG, C. G. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. par 418, p. 220.

enquanto sem qualquer possibilidade de manipulação pelo humano. O *supra-arquetípico* é aquilo que limita o ser humano, impossibilitando-o de fazer ou ser diferente. O *supra-arquetípico* é o Divino que a tudo permeia. Os eventos, nos quais não há participação da vontade e ação humanas, que não podem ser evitados ou modificados são chamados de *supra-arquetípicos*. É o determinismo extra-humano que baliza a Natureza e que não depende da consciência humana. Pode-se afirmar que, após a ocorrência dos eventos *supra-arquetípicos*, dada a impossibilidade racional de modificá-los, eclode-se a manifestação da criatividade humana. O *supra-arquetípico* desafia a criatividade humana, tornando-se um de seus maiores desafios. As configurações que se pronunciam como estigmas podem também se originar de instâncias *supra-arquetípicas*, principalmente no que diz respeito ao que deve ser vivido por todo ser humano.

Tempo

Muito embora, para a *psiquê*, o conceito de tempo saia da esfera real e interpenetre-se com o de espaço, é preciso entendermos que, na verdade, contém uma ideia associada ao movimento e à sucessão de eventos. É inegável que a percepção da existência do tempo advém do processo de transformação que se verifica com a matéria, que não é fruto apenas da visão do ser humano. A identidade do Espírito com o corpo é que permite estabelecer a ideia do tempo. A palavra tempo resume a ideia da dinâmica externa da *Vida*. Embora haja tempo para as transformações da matéria no Espírito, ele se torna extremamente diferente e não pode ser contado da mesma forma que o fazemos, isto é, tomando o Sol como referência. Há um tempo na *psiquê* do mesmo modo que existe um tempo relativo para a Física. Esse tempo serve como referencial para uma busca ou para a sensação de crescimento pessoal. Não existem segundos, nem horas, nem dias, tampouco anos ou séculos. Na *psiquê*, há só processamento de informações e sentimentos para a aquisição, ou não, das leis de Deus pelo Espírito. O Espírito vive um eterno presente. O *ego*, representação consciente do Espírito, não apenas se situa no tempo como também sua existência está intrinsecamente ligada a ele. O Espírito evolui, mas o tempo de evolução é o de seu *ego*. Tudo que ocorre no psiquismo se dá ao mesmo instante, em face das conexões com os resíduos dos eventos passados, gravados no Inconsciente como se o tempo fosse único e real.

Vida

Vida (com *V* maiúsculo e em itálico) compreende todos os processos que se referem ao Espírito, enquanto personalidade no corpo ou fora dele. A *Vida* compreende todos os processos em que o ser humano se envolve consciente ou inconscientemente, sendo um ente que se confunde com a Natureza e com a Divindade. Abrange as existências sucessivas do Espírito tanto quanto suas próximas encarnações. Refere-se também à Providência Divina, como totalidade dos processos a que se submete o ser humano, e às leis universais que interagem com o Espírito. Embora haja muitas encarnações vividas nos diferentes corpos, só há uma *Vida* para o Espírito. A palavra vida (com *v* minúsculo) refere-se ao tempo de uso do corpo físico.